

CENTROS DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL E GÊNERO

Suelen de Oliveira Maas
suelenomaas@gmail.com

Luciana Elisabete Savaris
lsavaris@gmail.com

PALAVRAS-CHAVE: Gênero; Saúde Mental; Centro de Atenção Psicossocial.

RESUMO:

Caracterização do problema:

A Reforma Psiquiátrica Brasileira (RPB) teve início nos anos 70, junto com outros movimentos sociais. Desencadeou mobilizações políticas e sociais nos serviços de saúde, nas universidades, em conselhos profissionais e nas comunidades. Também impactou nos saberes, valores e cultura que envolvem os transtornos mentais e seus cuidados (BRASIL, 2005). As principais propostas da RPB são: a redução dos leitos em hospitais psiquiátricos, desinstitucionalização dos usuários, a garantia de direitos e a reinserção social.

Para conseguir implementar tais objetivos foram criados os Centro de Atenção Psicossocial (CAPS). Esse dispositivo é o principal serviço de coordenação do cuidado em Saúde Mental, que propõe garantir o atendimento a crise, o atendimento baseado em projetos terapêuticos singulares e a reabilitação psicossocial de pessoas com transtornos severos e persistentes, no seu território em atendimento aberto (COSTA e MOTA, 2017).

Descrição da experiência

A experiência se passou em 2018, entre os meses de agosto a novembro, a fim de cumprir as horas da disciplina de Cenários de Aprendizagem II – Rede SUS, do 5º período de Psicologia. O objetivo da disciplina foi conhecer diferentes dispositivos da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) com foco nas ofertas vinculadas ao cuidado à saúde mental e a atuação do psicólogo nos diferentes pontos da RAPS. Ao realizar as visitas técnicas nos diferentes dispositivos, como o CAPS álcool e drogas, CAPS de transtornos mentais e o Hospital Psiquiátrico, percebeu-se uma predominância masculina de usuários nos CAPS, quanto ao uso de leito de acolhimento noturno, havia apenas um sendo ocupado por mulher, no Hospital visitado a inexistência de vagas para mulheres, mesmo sendo um hospital de grande porte e que atende todo estado do Paraná. Sendo o objetivo da disciplina entender o funcionamento de diferentes dispositivos da saúde pública, como os CAPS, e sabendo que o acolhimento deve ser feito de forma integral e sem discriminações, é papel dos psicólogos discutirem porquê se dá essa possível diferença nos acolhimentos e atendimentos realizados. De acordo com Zanello e Silva (2012), o conceito de gênero tem sido elaborado a partir do movimento feminista e vai além da questão biológica determinante, buscando discutir a interação social e sua interferência na vida dos sujeitos (ZANELLO e SILVA, 2012). Gênero, então, pode ser configurado como determinantes de comportamentos, valores e papéis que mulheres e homens representam socialmente (SEVERIEN; QUADROS, 2010).

Resultados alcançados

Buscando entender como a construção social de gênero interfere no quesito saúde mental, é necessário compreender a relação de gênero, transtornos mentais e o uso de substâncias psicoativas. De acordo com Zanello (2014), os estudos de Andrade, Viana e Silveira (2006); Rabasquinho & Pereira (2007); Santos (2009) e Zanello (2010), evidenciam que os transtornos de ansiedade e humor são mais presentes em mulheres, e o uso de substâncias psicoativas, transtornos de personalidade, transtorno do controle de impulsos e déficit de atenção são mais comuns em homens (ANDRADE, VIANA E SILVEIRA, 2006; RABASQUINHO & PEREIRA, 2007; SANTOS, 2009 E ZANELLO, 2010, *apud* ZANELLO, 2014). De acordo com os relatos coletados por Santos (2009), o sofrimento psíquico feminino está relacionado com questões de violência doméstica e pela repressão sexual. Já o sofrimento masculino está ligado com a ruptura da trajetória de vida, uma exclusão de espaços sociais (SANTOS, 2009). A autora ainda evidencia outras diferenças e demonstra que o gênero pode estabelecer diferentes formas de vivenciar o adoecimento psíquico. "Essas diferenças podem ser observadas desde o surgimento da primeira crise psicótica até a relação que esses usuários estabelecem com o CAPS (SANTOS, 2009, p. 04). Fejes, Ferigaro e Marcolino (2016) ressaltam que ao incorporar o gênero nas pesquisas relacionadas ao uso de substâncias psicoativas "possibilita o reconhecimento e afirmação das diferenças individuais e coletivas a partir das construções socioculturais sobre masculinidade/feminilidade no contemporâneo, contribuindo para formas de cuidado e políticas públicas" (FEJES, FERIGATO e MARCOLINO, 2016, p. 254). Porém, mesmo com pesquisas que discutam as diferenças de gênero, nas leituras, encontra-se citações sobre as mulheres sendo silenciadas nesse processo de "loucura" (entende-se loucura como transtornos mentais). Principalmente por Nascimento e Zanello (2014), que fazem uma leitura crítica sobre o livro *História da Loucura*, de Foucault. Os autores trazem que, Foucault elabora seu texto sobre um silêncio que envolve a pessoa louca, ou seja, a não visibilidade desses sujeitos perante a sociedade, porém "há, no texto foucaultiano, um silenciamento sobre a diferença de tratamento entre loucos e loucas" (NASCIMENTO e ZANELLO, 2014, p. 28). O silêncio existente dentro da loucura, corrobora para a pouca representação que as mulheres têm dentro do sistema de atendimento (RODRIGUES, 2015). Como pode-se perceber nas visitas realizadas, onde havia uma maioria de homens que buscavam e continuavam dentro do tratamento, não se questionando o porquê de poucas mulheres estarem em atendimento dentro dos serviços de saúde mental.

Recomendações

Para solucionar tal questionamento, somente uma pesquisa bibliográfica sobre o tema não é conclusiva, seria necessário realizar uma pesquisa de campo com os profissionais e usuários(as) do sistema, conseguindo coletar dados que possam ser correlacionados com as estatísticas referente à transtornos relacionados a gênero, juntamente com o aparato teórico relacionado ao tema.

REFERÊNCIAS:

BRASIL, Ministério da Saúde. **Reforma Psiquiátrica e Política de Saúde Mental no Brasil – Conferência Regional de Reforma dos Serviços de Saúde Mental**. 2005. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/Relatorio15_anos_Caracas.pdf. Acesso em 20.jul.2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria 3.088/2011**. Brasília (DF), 2011.

FEJES, M.A.N.; FERIGATO, S.; MARCOLINO, T.Q. Saúde e cotidiano de mulheres em uso de álcool e outras drogas: uma questão para a Terapia Ocupacional. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, v.27, n.37, p.254-262, 2016.

MOTA, V.A.; COSTA, I.M.G. Relato de Experiência de uma Psicóloga em um CAPS, Mato Grosso, Brasil. **Psicologia: Ciência e Profissão**. Jul/Set. 2017, v. 37, nº 3, p. 831 – 841. Disponível em <https://doi.org/10.1590/1982-3703004292016>. Acesso em 20.jun.2019.

NASCIMENTO, W.F.; ZANELLO, V. Uma história do silêncio sobre gênero e loucura - Parte I. Sobre o que não se fala em uma arqueologia do silêncio: as mulheres em *História da Loucura*. In: ZANELLO, V.; ANDRADE, A.P.M. **Saúde Mental e Gênero: Diálogo, Práticas e Interdisciplinaridade**. Curitiba: Appris, 2014, p. 17-28.

NASCIMENTO, W.F.; ZANELLO, V. Uma história do silêncio sobre gênero e loucura - Parte II. Sobre *A Loucura e as Épocas* e as mulheres: para uma escuta do não dito e do não pensado. In: ZANELLO, V.; ANDRADE, A.P.M. **Saúde Mental e Gênero: Diálogo, Práticas e Interdisciplinaridade**. Curitiba: Appris, 2014, p. 29 - 40.

RODRIGUES, T.F. **Desigualdade de Gênero e Saúde: avaliação de Políticas de Atenção à Saúde da Mulher**. 2015. Disponível em <http://www.historia.uff.br/cantareira/v3/wp-content/uploads/2016/01/Thais.pdf>. Acesso em 04.jan.2019.

SANTOS, A.M.C.C. **Articular saúde mental e relações de gênero: dar voz aos sujeitos silenciados**. 2009. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232009000400023&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em 04.jan.2019.

SEVERIEN, E.; QUADROS, M.T. O que é gênero?. In: ARAUJO, B.; MEDEIROS, L.V.; NOVENA, N.P. **Sexualidade e Gênero: construções na diversidade cultural e nas práticas educativas**. Recife: Libertas, 2010, p. 11 – 19.

ZANELLO, V. A Saúde Mental sob o viés do Gênero: uma releitura gendrada da epidemiologia, da semiologia e da interpretação diagnóstica. In: ZANELLO, V.; ANDRADE, A.P.M. **Saúde Mental e Gênero: Diálogo, Práticas e Interdisciplinaridade**. Curitiba: Appris, 2014, p. 41 - 58.

ZANELLO, V.; SILVA; R.M.C. Saúde Mental, Gênero e Violência Estrutural. **Revista de Bioética**, v.20, n.2, p.267 - 279, 2012.